



VIDAS VAZIAS

Ela gritava em silêncio, mas não queria ser salva. Do caminho que ela construiu para si mesma, negara-se a recuar. Emily, esse era seu nome. Ela esteve presente durante toda a minha vida, então até onde eu deveria ir para salvar a dela?

Ninguém, além de mim, sabia ver através dos seus jogos, ninguém decifrava as mentiras dos seus olhos quando enganava dizendo “Comi antes de vir para cá”, ou “Estou sem fome”. Sua destruição era seu prazer a partir do dia em que ela decidiu parar de comer. Anorexia era o que ela tinha.

Vazias. Emily e eu estávamos vazias: ela no seu estômago, e eu nos meus sentimentos. A culpa que deveria me perseguir não me agoniava mais. O remorso que eu deveria sentir por trair minha amiga já não me corroía. Contei aos seus pais sobre os remédios que ela tomava, sobre as refeições que propositalmente vomitava. Sobravam-lhe forças para mentir, esconder e enganar a todos ao seu redor, mas é uma pena que Emily tenha guardado o esquecimento, esquecendo-se de sua vida, esquecendo-se de viver e de guardar forças para manter seu coração batendo.

Agora seus pais sabiam dos constantes desmaios da filha, então, graças a mim, “melhor amiga” de Emily, ela teria de enfrentar seu maior medo. Ela seria internada, medicada e tirá-la-iam daqui, da sua vida, de que ela tanto se orgulhava.

“Você sempre soube que contar a eles não seria a solução. Sabia e mesmo assim o fez. Como conseguiu tão facilmente destruir nossa confiança e amizade?”. Foi o que ela me disse. Talvez sim, Emily. Talvez erre, mas espero que consiga entender que me sentia dividida entre nosso sentimento e a razão. Um sentimento exige lealdade, e nisso fracassei. E a razão acarretou a traição, e a escolhi para tentar salvá-la. Depois de tudo, talvez eu não seja tão vazia assim.

Marina Araceli Gomez Rutes
3º ano / Balneário Camboriú
2021